

ANTÓNIO NOBRE: UM SIMBOLISTA SINGULAR

Maria Helena Nery Garcez (U.S.P.)

O filósofo Luigi Pareyson, analisando a interpretação das obras de arte, este delicado e difícil tormento em que nos poros diante da obra que é um mundo cerrado e lhe dizeros: "Abre-te, Sésaro" para que possamos penetrar nos seus tesouros e deles tomar posse, estabelece que para a interpretação há uma condição "sine qua non", que ele chama de congenialidade, isto é, a simpatia que é preciso estabelecer-se entre a pessoa do intérprete e a obra; este é, para ele, o grande dever do intérprete.

No entanto, este dever de congenialidade e de simpatia, esclarece Pareyson, não deve ser entendido apenas como algo inato ou fatal: tenho-o ou não o tenho. Adverte-nos ele que, ao arante das Letras, é preciso um verdadeiro exercício de congenialidade, que acaba por instaurar uma afinidade lá onde inicialmente ela não existia, pois esta é a condição de penetração na obra, é a resposta do Sésaro, que se abre a quem nele realmente deseja entrar, a quem ter apreço pelo tesouro que nele está oculto.

Estas considerações, faço-as ao iniciar este estudo sobre a obra de António Nobre, e, reportando-me ao seu conhecido poema "O Meu Cachorro", destaco os seguintes versos, que também me pareceram adequados para um bom ponto de partida:

"E a noite perde-se em cavaco,
Na Torre de Anto, aonde eu toro!"

Anto- António Nobre - tora nura Torre, que é a sua Torre, "a Torre de Anto". Este é o Sésaro aonde terenos de tentar adentrar. O que nos compete neste trabalho é tentar entrar na Torre de Anto, é tentar entender seu mundo de estrelas, devassar-lhe, de certa forma, a intiridade.

Esta Torre, que muitas vezes, simbolicamente, denomina "Torre de Leite", no entanto, ele não se esforça por trancar, ao contrário dos demais simbolistas europeus, torrente franceses. Não se trata de isolar-se na Torre de Marfir, "la tour d'ivoire", que, desde o romântico Vigny até o simbolista Mallarré ou Villiers de

l'Isle-Adam, foram ciosamente erguidas e cerradas, nos demais contextos literários europeus. A torre de Anto não é de marfim, não está trancada a 7 chaves, a sua poesia não é aristocrática, nem elitizante, nem hermética, nem hierática; sua Torre é uma Torre de Leite e a única analogia que guarda com as de marfim é o fato de ser Torre e a cor branca.

No entanto, se a poesia de Anto não é hermética nem elitizante, se não corre em direção oposta ao elemento popular, forçoso é reconhecer que não é fácil entrar na Torre de Anto, embora ele tenha escancarado suas portas e janelas.

A "Torre de Anto" é uma torre que se conta, que se abre, e conta-se e abre-se pela oralidade e coloquialidade de sua linguagem. Mas se tratamos com um poeta que se confessa continuamente a um interlocutor, a muitos interlocutores, a todos nós interlocutores, deixemos desde já estabelecido que não é fácil entendê-lo.

Não é que o poeta não queira confessar-se, ou se oculte. É que sua confissão é difícil! Exige um interlocutor com sensibilidade de certo todo equivalente à dele. O que ele tem a confidenciar, impregnado dos elementos mais simples, chãos, rústicos e populares, constitui um todo complexo, não banal, singular e que acaba sendo difícil. A Torre abre-se em suas portas e janelas. Temos livre acesso a ela mas correremos o risco de, dentro de tanta facilidade, equivocarmos e não compreendermos aquele que dentro dela mora, Anto.

Parafrazeando Olavo Bilac, diria que há que aprender a arrá-lo para entendê-lo e entrar no seu segredo, para conversar com seu mundo de estrelas! Parafrazeando Camões, diria que segundo o amor lhe tivermos, teremos o entendimento de seus versos. Segundo a congenialidade que com ele alcançarmos estabelecer, segundo a atenção que lhe prestarmos, - e que nós esforçarmos por lhe prestar - entenderemos o seu mundo, que é estranho, complexo, singular, rico e intrigante. Mundo que se quer comunicar com uma afetividade extrema mas que exige de nós que o queiramos receber.

Ora, cabe, ainda nesta parte introdutória, tratar, embora brevemente, da fortuna crítica que venho notando a respeito deste poeta.

Por volta das décadas de 50 ou de 60, no Brasil, Nobre era tido como o maior poeta do simbolismo português. Além dele, mencionava-se apenas Eugénio de Castro, mais para dar exemplo de preciosismo de linguagem, de exploração do recurso sonoro da aliteração e de simbolismo entendido mais nos seus aspectos exteriores e vistosos, puramente epocal. Não se falava sequer de Camilo Pessanha.

No entanto, ao que assistimos, hoje em dia, é a uma inversão. Quase não se fala mais de António Nobre e, descoberto o grande poeta que, incontestavelmente é Camilo Pessanha, relegou-se Nobre ao olvido, ou quase.

Sem tirar valor algum ao mérito de Pessanha enquanto simbolista, quero, no entanto, sair em defesa de António Nobre, pois ambas as posições acima referidas - por extremas e radicais - são viciosas.

Nem António Nobre deveria ter sido considerado como o único, ou o maior dos simbolistas portugueses e nem agora parece-me equilibrado que se relegue Nobre para um secundíssimo plano e se alce Camilo Pessanha ao posto de único e verdadeiro

poeta simbolista português, alegando que Nobre é muito mais um romântico tardio. Discordo desta colocação. Não sei porquê, ao reconhecer valor em Camilo Pessanha, terei de desmerecer António Nobre. Cada um deles foi grande de forma diversa - o que é muito interessante de se analisar e constitui uma riqueza para o simbolista português. Cada um deles é um mundo originalíssimo, complexo, pessoal e singular.

Devolver a António Nobre o lugar que lhe compete dentro da poética simbolista e o lugar a que, sem favor algum, ele faz jus, é uma tarefa das mais importantes hoje, para o estudante das letras lusas e para o professor desta disciplina.

É realmente António Nobre apenas um romântico temporão, como querem alguns? É sua poesia, uma poesia neo-garrettiana ou um ultra-romantista, marcado de torbidez?

Quanto ao vulgarizado juízo de que Nobre seria apenas um romântico temporão, um neo-garrettiano, creio que se pode responder que naturalmente, evidentemente, Nobre é um poeta de DEPOIS do romântico; que ele conheceu Garrett e imitou com suas poesias e com as dos românticos em geral; mas que ele também conheceu Camões, Bernardim Ribeiro, o cordel e o romanceiro ibérico, com eles imitou e que tudo isto deixou nele suas marcas. Ele assimilou e interpretou todo esse passado - como não poderia deixar de ser - mas construiu um simbolista - e não repetiu o romântico - construiu um simbolista muito singular, personalíssimo, que, por ser tão diferente dos corifeus de França, nem por isso deve deixar de ser chamado simbolista

Analisarei, portanto, António Nobre enquanto poeta simbolista, simbolista em que o romântico entrou assimilado e transformado, mas não como romântico tardio e analisá-lo-ei também como precursor da poesia que se lhe seguiu, como um inovador.

Mas, para adentrar na Torre de Anto, recordemos o primeiro poema de Só, o soneto "Metória", que Anto dedica a sua Mãe e a seu Pai:

"Aquele que partiu no brigue Boa Nova
E na barca Oliveira, anos depois, voltou;
Aquele santo (que é velhinho e já corcova)
Uma vez, uma vez, linda menina arrou:
Tempos depois, por uma certa lua-nova,
Nasci eu... O velhinho ainda cá ficou,
Mas ela disse - "You, ali adiante, à Cova,
António, e volto já..."E ainda não voltou!
Antonio é vosso. Torai já a vossa obra!
"Só" é o poeta-nato, o lua, o santo, o cobra!
Trouxe-o dum ventre: não fiz mais do que o escrever...
Lede-o e vereis surgir do Poente as idas trégoas,
Como quer vê o Sol surgir-se, pelas águas,
E sobe aos alcantis para o tornar a ver!

Só

Este pera, juntamente com o segundo, também intitulado "Memória", serve de abertura para o grande livro de poesias de António Nobre que é Só. Dedicava-o o poeta a sua Mãe, em primeiro lugar, e a seu Pai. Curiosamente, ele assina a dedicatória com o nome que atribui ao livro, mas que, desde o início, atribui também a si próprio: "Só".

"António é vosso" diz aos pais: é da Mãe e é do Pai, é obra deles. Mas é também nosso, em segunda instância. É de todo o público, de todos os que o lerem. É ele quer se está dando, numa atitude de extrema afetividade.

Chama a atenção o verso com que se auto-caracteriza: "Só" é o poeta-nato, o lua, o santo, o cobra" Trata-se de um verso extremamente rico, intrigante, denso de conteúdo e que nos vai começar a abrir a porta da Torre de Anto, para que nós nela, devagarinho, adentremos. Curioso é assinalar que este verso, no 2º poema "Memória", aparecerá com as seguintes mudanças: "E assim se criou um anjo, o Diabo, a lua;" isto é, será um novo verso.

"Só é o poeta-nato" - Ao apresentar-se aos seus pais e a nós, Anto, em primeiro lugar, postula que nasceu poeta, que este foi um fado seu, ou um dom que recebeu, algo de que não teve a iniciativa.

"Poeta-nato" implica em extraordinária sensibilidade, quer para o Mundo que o rodeia com pessoas, fatos e coisas, quer para os fatos da linguagem, pois o poeta é aquele que, além da hiper-sensibilidade comum a todos os artistas é um hiper-sensível da palavra, da linguagem, dos seus tesouros, dos seus ritmos, nuances e potencialidades. Prova desta hiper-sensibilidade de Nobre para a linguagem, nós a temos nos incontáveis modistos populares e regionais, de que sua obra oferece farto material, e até mesmo na incorporação dos modistos da linguagem de outros povos. Assim, por ter passado anos em Paris, como estudante, encontramos algures, a interjeição: "Mon Dieu de la France!" traduzida para o português: "Meu Deus de França" (poema "Purinha", p.48)

Mas "Só" é também "o Lua" - Quais as sugestões deste símbolo de si mesmo? Sugestões de algo luminoso mas noturno. Astro que recebe luz do sol, que não tem luz própria, que não é centro, mas é satélite. Não é centro, é satélite, mas influi poderosamente ao redor de si: no tar, nas marés, nos humores e até mesmo nos nascimentos. Há como que um sortilégio exercido pela lua, um poder oculto (no sentido de não claramente visível para o homem e, por isso, misterioso). Aparentemente, a lua é passiva, mas age. É responsável por mudanças. Além disso ela, considerada em si mesma, é carbante. É cheia, é ringuante, é crescente, é nova. Ela apresenta uma variedade de facetas, de estados. Ela não é sempre a mesma, mas é instável. Ora, "Só" é "o lua". De todas as sugestões que explicitamos e que poderiam aplicar-se a Anto, parece-me que a faceta da instabilidade é a que a ele se aplica mais. "O lua" é também o aralucado, o "pirado", como se diria no Brasil. Ainda pode ser o sonhador: aquele que anda noutro mundo, no "mundo da lua". Depois, "Só" é o "santo". Além de ser o poeta-nato e o lua, é o "santo". O que poderia sugerir esta outra auto-caracterização? Toda uma infinidade de conceitos, pois a santidade, realidade complexa, apresenta uma plu-

ralidade de aspectos. Qual calharia melhor a nosso Antó? Seria o ascetista? O rigor? A luta pelas virtudes? Seria o misticismo?

Creio que há uma faceta da santidade que é a que poderosamente se aplica ao "Só" e que vem largamente provada pelo contexto da obra toda: Antó é santo porque vive até os limites extremos a Comunhão com os outros, a compaixão, a solidariedade, a misericórdia, ou, se quisermos, o amor, que o leva a se outrar, isto é, a identificar-se com o outro, a pôr-se no seu lugar.

Toda sua obra está impregnada deste olhar fraterno, benevolente, carinhoso, afetivo, para com todos os seres e para com toda a realidade. É só colhermos alguns exemplos dentro a multidão que se nos oferece:

"Andais, à neve, sem sapatos,
Vós que não tendes que calçar!" (p.16)

"Corpos ao léu, vesti teus fatos!
Pés nus! levai esses sapatos...
Basta-re um par." (p.17)

ou

"Se eu vos pudesse dar a vista,
Ceguinhos que ides a tactear..." (p.19)

Mas "Só", se é o "poeta-nato, o lua, o santo" é também o cobra e é aqui que as coisas começam a tornar-se mais complexas, e a Torre de Antó, de portas e janelas escancaradas começa a se tornar menos clara, luminosa e acessível.

"Só" não é simples. Ao mesmo tempo que é "santo" é "cobra". Ora, "cobra" e "santo" são duas realidades que, normalmente, brigam entre si, são conflitantes.

Há como que um caráter contraditório no interior dele mesmo, há como que uma falta de simplicidade, isto é, não é um único elemento, simples, que ele reconhece dentro em si, mas há, nele, uma falta de unidade, uma dualidade. "Cobra" é algo de traiçoeiro, de venenoso, de envenenado também, de perigoso.

"Só" é, portanto, uma realidade complexa: hipersensível (o "poeta-nato"), atraente, amalucado e sonhador ("o lua"), extremamente amoroso, misericordioso, compassivo e fraternal (o "santo"), venenoso, maligno, perigoso e doentio (o "cobra"). Aquele que assina "Só" e toma para "Torre" é, pois, complexo e não simples. É homem do Decadentista, é homem do final do século XIX, e não é um homem que desconheça os ambientes intelectuais universitários, tanto de Coimbra quanto de Paris.

Logo a seguir a esta primeira apresentação que o poeta de si mesmo faz, Antó põe-nos diante de um segundo poema intitulado "Memória". Desta vez ser dedicatória. Poderosamente supor que se dirige a todos os que o escutarem e isto é confir-

rado no primeiro verso. Se a primeira "Metódia" era um diálogo com os pais, a segunda, é, manifestamente, um diálogo conosco.

"Ora isto, Senhores, deu-se em Trás-os-Montes"

Ora "isto, o quê?" Isto que foi anunciado no poema anterior mas que não foi contado. Isto que foi objeto da conversa mais íntima do filho com os pais e que não necessitava de tantas explicitações, porque os pais já conheciam os antecedentes.

No segundo poema não. Como nós não conhecemos os antecedentes de Anto, ele no-los vai contar; vai contar com o maior número de detalhes possível o que aconteceu, as suas origens. Se não fosse a nós que ele se dirigisse no segundo poema, teria sido ocioso contar duas vezes a mesma história e, a segunda vez, de forma mais porrenhorizada do que a primeira. Mas a primeira é mais resumida porque é para quem já sabe: os Pais. E estes merecem o 1º lugar, porque o têm no afeto de Anto.

De toda esta explicitação - cheia de uma linguagem extremamente afetiva, vazada no estilo coloquial que Nobre poderosamente instaura na poesia portuguesa, sendo, portanto, precursor dos modernos - chamemos a atenção para o fato de ele dignificar o Poeta, dignificando a Mãe do Poeta, que é tratada como a Mãe de Jesus.

"Ó mães dos Poetas! sorrindo em seu quarto,
Que são virgens antes e depois do parto!" (p.9)

O nascimento de um poeta é, para ele, miraculoso. É diferente do dos comuns dos mortais. Para Nobre, nem a concepção de um poeta é igual à do comum dos homens. O poeta - como ser de exceção que é - é gerado de forma diferente, havendo algo de virginal e algo de divino na sua concepção. Ele pertence, portanto, a uma outra casta de homens.

Neste resto poema de abertura, encontramos outro traço fundamental de Nobre: a presença do tórbido, do chocante, aliado à imagem da Morte. Isto é, está presente o Desconcerto do Mundo. Não se trata de um mundo concertado, mas desconcertado. O menino nasceu "debaixo dum signo tórbido" e seu fado foi mau.

"(E abria o menino seus olhos tão doces):
"Serás um Príncipe! Mas antes... não fosses."
Sucedo, no entanto, que o Outono veio
E, um dia, ela resolve ir dar um passeio.
Calçou as sandálias, toucou-se de flores
Vestiu-se de Nossa Senhora das Dores:
"Vou ali adiante, à Cova, em berlinda,
António, e já volto..." "E não voltou ainda." (p.9)

Em meio ao terno, em meio ao relato do nascimento, irrompe o chocante, a violência da morte. Em meio à grande ternura que provém da ingenuidade e da fragi-

lidade da infância, irrompe a Morte, mas curiosamente integrada na atmosfera de afetividade do mundo infantil. A brutalidade da morte vem "amortecida" por uma certa suavidade; trata-se a morte como se fosse uma brincadeira, uma berlinda entre a mãe e o filho, mas uma brincadeira, uma berlinda cruel, que traduz todo o trauma que este fato deixou impresso na sensibilidade da criança, um choque que violentou esta sensibilidade a tal ponto que, por isso, ele nos é contado desta forma sugestiva, que só é aparentemente mais arena, porque, no fundo, ele nos quer fazer experimentar aquela sua vivência de uma eterna espera inútil, cruel e sempre frustrada. Outono é a estação do "passeio" da Mãe e o Outono será no decorrer de todo o Só, a estação da carência, da privação, da falta de vitalidade, da proximidade do Fir, da Morte. Daí a conclusão do poeta: Só é o "livro mais triste que há em Portugal!"

Ora, das ilações que tiramos destes dois primeiros poemas, poderemos ir subindo mais alguns degraus na Torre de Anto. Anto é contraditório, é santo, é cobra e Anto ressentido de todo profundo o Desconcerto do Mundo.

A primeira divisão do livro denomina-se, precisamente, "António". É Anto a contar-se.

É curioso que o poeta tenha sido escrito em Paris, em 1891, quando António Nobre lá estudava. É preciso termos em conta este dado espacial. Estando em Paris, ele evoca - e evocar vem de ex-vocare, chamar de algum lugar, fazer aparecer - aquilo que está ausente. Anto, que também se diz Médio ou redium, em Paris, faz surgir seu ambiente doméstico, com todos seus componentes e seus tipos característicos.

Ele dá preço a tudo quanto viveu: ao ambiente familiar que era o dele. O poeta intitula-se "Antonio" porque António é tudo aquilo que foi seu passado, seu Lar, seu ambiente doméstico. Fica patente, pela afetividade da linguagem, o quanto ele arava aquelas cenas simples e provincianas dos serões domésticos ao pé do lare, as criadas e criados nos serviços caseiros, os animais que com eles conviviaram. Tudo aquilo imprimiu-se vivamente na sua afetividade e o constituiu. António é todo aquele mundo que carrega na memória.

"Ó velhas criadas! na roca fiando,
Nos lentos serões:
Corujas piando, Farrusca ladrando
Com medo aos ladrões! " (p.16)

É mais que patente, é evidente, no santo e no anjo um amor intenso por tudo quanto constitui seu mundo. É por contraste que ele, na Paris de 1891, evoca, chama seu mundo português, seu mundo familiar, seu mundo aldeão. O resto Anto que, num soneto, termina exclamando: "Arigos!/Que desgraça nascer em Portugal!", o resto contraditório Anto, em Paris, faz suas declarações de amor a Portugal, numa nostalgia das raízes simples, primitivas, não intelectualizadas. No ambiente mais intelectual e raffiné de sua época, chama, faz surgir: "O Zé do Telhado!", "A Tia Delfina!", "O Farrusca", "A velha Carlota".

E, quando Paris irrompe querendo sufocar, apagar tais evocações, ele se esforça por fazer calar Paris:

"Bairro Latino! dorme um pouco,
Faze, teu Deus, por sossegar!" (p.18)

ou

"Cala-te, Georges! estás já rouco!
Deixa-te em paz! Cala-te, louco.
Ó boulevard!" (p.19)

Mas, como já vimos, António não é simples, e a estrutura do poema vai comprovar que ele é o "santo" e o "cobra", que ele é eu e outro, que ele não é um, mas dois.

No seu poema "Antonio", como nos poemas "Os Figos Pretos", "Pontes de França" e "Males de Anto (2º)", há uma curiosa, ou melhor, engenhosa estrutura de composição de tipo musical, estrutura contrapontística; há um canto e um contra-canto.

No canto central há uma voz que vê de uma determinada maneira, há um discurso principal, impresso em tipos maiores e mais centrados. A par deste canto central, há um contra-canto que estabelece outro discurso e outra visão que, na maior parte das vezes, contradiz ou contraria o canto, a ele se opõe. É em tipos menores e menos centrado: como que o eu marginalizado, o eu que não se apresenta oficialmente, o "cobra" que existe, mas que aparece de soslaio.

Trata-se de uma visão de mundo que não é simples - Anto é o Eu e o Outro (e nisto ele é precursor dos poetas modernos, de Mário de Sá-Carneiro e dos heterônimos de Pessoa). Sua percepção do mundo é complexa, tem mais do que uma face e ele quer dar-nos a sensação da coexistência destas duas vozes nele: uma que afirma algo, outra que o nega. Assim, por exemplo, no poema "Figos Pretos":

"- Verdes Figueiras soluçantes nos caminhos!
Vós sois odiadas desde os séculos avós:
Em vossos galhos nunca as aves fazem ninho,
Os Noivos fogem de se atar ao pé de vós!

- Ó verdes figueiras, ó verdes figueiras,
Deixai-o falar!
À vossa sorbrinha, nas tardes fagueiras,
Que bom que é atar!"

(p.81)

A contradição interna entre o "santo" e o "cobra", entre o "anjo" e o "Diabo" aparece até no canto central do poema "António":

"- Que Deus se arrecie das almas do Inferno!

- Arêr! Oxalá...

E o roço rosnava, transido de inverno

- Que bor lá está!" (p.16)

Salientamos que das ilações tiradas dos primeiros poetas, duas seriam mais desenvolvidas: de ura, o dualismo, a contradição entre o Eu e o Outro, já tratamos. Agora, brevemente, abordaremos a consciência dolorosa e constante do Desconcerto do Mundo. É ainda no poeta "Antônio" (p.15) que ele nos diz:

"A tia Delfina, velhinha tão pura,

Dormia a teu lado

E sempre rezava por minha ventura...

E sou desgraçado!"

Não há aqui ura dolorosa e irônica perplexidade? Não há ura denúncia, por reio do paradoxo, do desconcerto do mundo? Não há um espanto diante deste desconcerto e aparente contradição?

Ao resto tempo que, noutros passos do poeta, admira o mundo, extasia-se diante de sua beleza, Anto desgosta-se e enoja-se diante da Dor que nele vê. A contradição que constatou dentro dele, desde seu nascimento, ou na sua existência dual, também se constata fora:

"Luar é caleiro que, pálido, caia

Erridas da serra..." (p.20)

Se estes versos apontam para a beleza do mundo exterior, o que dirá o contra-canto?

"Quanto essa sorte te contrista!

Mas ah! mais vale não ter vista

Que um mundo destes ter de olhar..." (p.20)

O mundo, portanto, tem algo de extasiante e algo de desesperador, da resta forma como ele também é santo e é cobra, é anjo e é Diabo, algo de belo e bor e algo de feio e mau.

No resto poeta ainda, ele vê seu país sem esperança:

"Vês teu país sem esperança,

Que todo alui, à serrelhança

Dos castelos que ergueste no Ar?" (p.23)

Ao desengano com sua vida, com o mundo, pela dor que vê estampada nos indivíduos humildes, soma-se o desengano com a Pátria, com a dor da Pátria, com o seu Desconcerto, presente histórico daqueles que foram os Lobos-do-Mar!

É esta a ponte que nos vai propiciar a passagem para os poemas de "Lusitânia no Bairro Latino", que são três terríveis poemas de Nobre. Nestes, escritos todos em Paris, nos anos de 1891-1892, vamos encontrar a presença do Português no Bairro Latino, o bairro estudantil francês.

O primeiro sentimento é o expresso pela primeira palavra: "Só!". É a experiência da solidão. Repare-se que não se está falando propriamente da experiência de um indivíduo - Antão - no Bairro Latino, mas da experiência do Lusíada, da presença do português no Bairro Latino. Ora, esta vivência é a do desterro, e, por isso, a atitude imediata é a de lamentá-lo: "Ai do Lusíada, coitado!"

Se o Lusíada é Antão, é também a nacionalidade toda, porque ele escolheu o nome Lusíada para si mesmo, ele se denominou pela nacionalidade, pelo que tem em comum com todos os outros eus da mesma nação e não pelo seu nome próprio. Não foi: "Ai de Antão, coitado!", o que se disse. Atente-se ainda para que este Lusíada é logo identificado a um "Lúgubre Outono, no mês de Abril!"

Se já vimos que o Outono foi a estação da morte, da carência, do jogo de berlinda cruel que lhe roubou a mãe, ao identificar-se ao Outono, ele significa que, mesmo em pleno Abril, está velho, está esgotado, perto do fim.

Logo a seguir, vem a evocação, o charramento da infância. Esta foi a idade pura:

"Menino e roço tive uma Torre de leite,
Torre sem par!
Oliveiras que davam azeite,
Searas que davam linho de fiar,
Moinhos de velas, como latinas,
Que São Lourenço fazia andar...
Fortosas cabras, ainda pequeninas,
E loiras vacas de maternas ancas
Que me davam o leite de manhã,
(...) " (p.27)

Na infância e adolescência tudo foi puro, tudo foi em contacto com a natureza, tudo foi dom. Repare-se a insistência com que repete que teve a Torre de leite, que as oliveiras davam azeite, as searas davam linho e as vacas davam o leite de manhã. "António era o pastor desse rebanho." Vivia identificado com os elementos da Natureza:

"Com elas ia para os Montes, a pastar.
E tinha pouco mais ou menos seu tamanho,
E o pasto delas era o meu jantar..."

(...)
Passava a noite, passava o dia
Naquela doce companhia.
Eram minhas Irmãs e todas puras
(...) " (p.28)

Ora, Nobre está nos adentrando rais e rais na sua Torre e nós estamos conhecendo que ele experimentou uma idade paradisíaca, uma idade de harmonia, uma idade em que não havia o desconcerto, nem ainda a Cova, ou a berlinda cruel.

O símbolo desta idade era a torre de leite, idade em que era rico dos dons da Natureza. Lerberos que Torre indica altura, e leite, alimento básico, natural, substancial e puro.

Nos coreços, portanto, Anto teve algo de precioso, a Torre, e algo de puro, simbolizado no leite. No início houve uma ligação estreita com as fontes da vida, com a natureza, houve a posse de bens. E essa Torre era única: "Torre sem par!".

Uma indagação se nos apresenta: onde situar espacial e temporalmente esta Torre, depois que, nos dois primeiros poemas do livro, ao apresentar seu nascimento, este sempre esteve marcado pela presença das

"Três moiras (que) vieram dizer-lhe o seu fado
(E abria o renino seus olhos tão doces):
"Serás um Príncipe! Mas antes... não fosses." (p.9)

e, no outro poema, no primeiro, conta-se:

"Nasci eu... O velhinho ainda cá ficou,
Mas ela disse: "Vou, ali adiante, à Cova,
Antônio, e volto já..." E ainda não voltou!" (p.7)

Trata-se do passado histórico do poeta? Ou trata-se de um passado mais remoto, mais antigo, mais profundo e radical? O passado de um outro estado e de uma outra condição dos quais o poeta guarda a reminiscência e pelos quais sente nostalgia? O passado paradisíaco, o passado que em sua idade pura, o estado da inocência - renino e toço - existiu, mas não no plano histórico e real. Neste, não se deu tudo segundo um desconcerto, desde o início? Não houve, desde o início, uma estridente desarmonia? O cruel jogo da berlinda que lhe levou a Mãe à Cova e não lhe devolveu? É dessa infância real de que ele fala e tem saudades? Foi essa a sua Torre de leite?

Ou a Infância e o Lar de que tem saudades são Infância e Lar com maiúsculas, uma Idade e um Lar arquetípicos, anteriores à queda? Símbolos da idade paradisíaca, do homem em estado de inocência e de integridade?

Ora, o que aconteceu com essa Torre de leite e com todos esses dons que a acompanhavam?

Um dia, os castelos caíram do Ar!

As oliveiras secaram,
Morreram as vacas, perdi as ovelhas,
Saíram-te os Ladrões, só te deixaram
As velas do moíno...ras rotas e velhas!" (p.28)

Daí a presença do lamento, que surge um pouco mais adiante:

"Ai do Lusíada, coitado!"

Anto sofreu privação do passado paradisíaco. Houve uma queda e, com ela, a morte. Anto lamenta o paraíso perdido e o estado de inocência, que é tragédia do indivíduo e tragédia da coletividade, também do povo português. Anto é Lusíada. E, como sucedeu a Anto, sucedeu a Portugal, que perdeu sua Idade de Ouro e está também aviltado: "Amigos! Que desgraça nascer em Portugal!". Desterrado Anto está e em muitos níveis. Desterrado por não estar em Portugal, que, seja como for, é afinal sua terra. Daí dizer ele a respeito de seu moíno que, em Portugal:

"faziam-no andar as águas do Mondego,
Hoje, fazer-no andar águas do Sena...
É negra a sua farinha!
Orai por ele! tende pena!
Pobre Moleiro da Saudade!" (p.29)

Mas, desterrado está também da primitiva Pátria, a pátria da Torre de leite e das oliveiras que davam azeite, que ele perdeu num passado inidentificável e num espaço igualmente inidentificável.

O desterro não é só uma mera circunstância transitória e presente; é muito mais radical, é um desterro existencial. Daí o pedido:

"Orai por ele! tende pena!
Pobre Moleiro da Saudade!"

Esta Saudade é muito mais abrangente e mais ampla que a mera saudade do solo pátrio, da glória portuguesa e da infância real. É a Saudade da Pátria-Paraíso perdido e da Infância-Estado de inocência. (Ora, isto também não se encontra na poesia de Fernando Pessoa?) Daí o refrão que vai surgindo e se impondo:

"Que é feito de vocês? Onde estais, onde estais?"

Repetidas vezes, nestes poemas, ele intercalará este refrão e, embora com variante, este será o fecho do ciclo forrado pelos três poemas. É a tópica do ubi sunt? É o espanto diante da carência, diante de um mundo de ausência, de um mundo de privação, da perda dos dons, da Terra de leite e de sua condição inocente de Menino e Moço.

Todos aqueles componentes da sua paisagem natal serão, pois, evocados, presentificados (é por isso que ele se chama a si mesmo de Medium, ou de Médio, por evocar os espíritos ausentes e presentificá-los) na tentativa de corpor o mundo da infância ou o mundo pátrio que estão ausentes da paisagem do Bairro Latino. Embora eles não sejam o mundo paradisíaco, ele procura um sucedâneo que o torne menos des-terrado.

No Bairro Latino, Antão não tem as tradições da infância com minúscula, ele não tem pontos de referência e, para não perder o pé na realidade e em si mesmo, para reconhecer-se idêntico, pelo menos ele se transplanta à sua pátria geográfica e ao tempo da infância histórica. Nesta evocação da Lusitânia ele convida um amigo, possivelmente francês (Georges) para ver seu país que ele apresenta como:

"(...) teu país de Marinheiros,
O teu país das Naus, de esquadras e de frotas!"

E, curiosamente, exclama: "Que estranho é!" (p.33)

Fora de seu país, num outro contexto cultural, vivendo com outro povo, ele é mais sensível para perceber o típico e o singular de seu país, que lhe aparecem sob um aspecto novo, o da estranheza. Tudo aquilo a que ele estava tão habituado, que, de tão habituado, nem via, passa a aparecer-lhe e essa estranheza de seu país, o típico de Portugal, ele o vê melhor por contraste e oposição com a França, com Paris, com o Bairro Latino. Ela é um dos primeiros poetas do ver, que precederam o heterônimo pessoano Alberto Caetano.

Daí o fecho dos três poemas de Lusitânia em que invoca:

"Quê dos Pintores do teu país estranho,
Onde estão eles que não vêm pintar?" (p.39)

Seu país, em suas peculiaridades, merece ser retratado, é digno de imortalidade e ele, Nobre, é um dos pintores desse país. Daí o carinho, o amor com que ele pinta a vida do povo, seus tipos característicos, seus costumes. Sob este ponto de vista, o simbolista brasileiro Alphonsus Guiraraens - também um simbolista singular - está muito próximo de António Nobre. Nele também há carinho pelo provinciano, pelo popular, pelo que é a singela vida do povo. Tanto um quanto outro são observadores arrosos do popular.

Sirva-nos de exemplo a espécie de êxtase que, em Nobre, provoca a partida das lanchas dos poveiros:

"Que vista admirável! Que lindo! que lindo!

(...)

Parecem Nossa Senhora, a andar.

(...)

Águias a voar, pelo mar dentro dos espaços

Parecem erridas caídas por fora..." (ps. 33 e 34)

Aliada a este carinho com que Nobre registra as invenções do povo ("A-quele é o Sol! (Que bom o Sol de olhos pintados!)") há uma visão religiosa da realidade. As lanchas "parecem Nossa Senhora a andar" ou "erridas caídas por fora".

Ora, esta visão religiosa que impregna tudo está, por ex., na maneira de Nobre ver os animais. No primeiro poema de Lusitânia, ao evocar seu rebanho, ele nos fala dos "olhos cristianíssimos" das ovelhas, que o imitavam quando ele rezava "Ave, Maria..." (p.28). A Lua, no poema "Antônio", aparece "aspergindo/Luar, água benta..." (p.18)

O oceano é, inúmeras vezes, cognominado de "Padre-Oceano":

"E o Padre-Oceano, lá de longe, prega

O seu Serrão de Lágrimas, à Lua!

(...)

Lá vem a Lua, gratiae plena,

Do convento dos céus, a eterna freira!" (p.92)

Ora, Fernando Pessoa foi certamente um leitor atento de Antônio Nobre e, no seu heterônimo Alberto Caieiro, contesta-o vigorosamente, porque se opõe a esta visão que ele chama a visão dos "poetas místicos", que atribuem significações à Natureza e até a cristianizavam no todo de a ela referirem-se.

Embora conteste o poeta místico Antônio Nobre, Pessoa, no entanto, está dele impregnado. Então os poemas em que Fernando Pessoa nos fala dos signos de sua aldeia, ou o célebre poema da ceifeira, da lírica ortônica, ou o poema do carro de bois que passa chiando, não têm, ou não podem ter suas raízes na poesia de Nobre? Se Pessoa, muitas vezes, no heterônimo Caieiro, contesta a visão religiosa que os simbolistas têm da Natureza, sob muitos outros aspectos é inegável a influência de Nobre sobre Pessoa. Basta citar o tema da nostalgia- e por que não dizer da inveja - que ambos sentem da inconsciência do povo simples e inculto. O povo, por ser mais inconsciente, é mais feliz, segundo eles, e Nobre primeiro, Pessoa depois, gostariam de ser, de certa forma, como um deles.

Basta ver, no poema "Lusitânia (2)" o êxtase de Antão que ama a incultura de seu povo e a desejaria para si, ele o culto, o intelectual, o universitário que estuda no exterior:

"Senhora Nagonia!
Olha acolá!
Que linda vai com seu erro de ortografia...
Quem te dera ir lá! " (p.33)

Esta aspiração à inconsciência fica claríssima num dos sonetos melhor logrados de Nobre, aquele em que nos apresenta as aves pousadas sobre os fios telegráficos. Elas cantam,

"No entanto, pelo arame que as tenteia,
Quanta tortura vai, nurna ânsia alada!
(...)
E as boas aves, bem se importam elas!
Continuam cantando, tagarelas:
Assim, António! deves ser também." (p.158)

E, como não encontrar no poema pessoano da ceifeira uma ressonância dos seguintes versos do soneto 8 de Nobre:

"Ó meu Pai, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu o ser, poveiro," (p.154)

Mas, a partir da visão religiosa que Nobre possui da realidade, acaba-mos por falar de Pessoa. Ora, voltando a Nobre e à visão religiosa, poderemos constatar que esta não se aplica apenas aos componentes da realidade exterior, ou do mundo animal ou natural, mas, também o seu próprio passado é visto como algo de sagrado, como quando, no poema "O Meu Cachimbo", por exemplo, ele nos diz:

"Ó meu cachimbo! Ato-te inenso!
Tu, meu turíbulo sagrado!
Com que, Sr. Abade, incenso
A Abadia do meu passado." (p.97)

Se há certa ironia nesta linguagem, e certamente há, no entanto o passado é Abadia, o passado é um recinto fechado, de veneração, de oração. Mais adiante ele nos dirá:

"Homen feito, pálida Ermida,
Infante, pela mão da ara." (p.97)

Deixando agora de lado este aspecto da visão religiosa de Nobre, que apenas afloramos, volteremos para este António que, cansado do mundo da cultura, no

poema "Poentes de França", compara o mundo super-civilizado onde se encontra, a capital do mundo da época, à sua terrinha. Este António, onde existe a dualidade do "santo" e do "cobra", onde existe o eu e o outro, compõe, neste poema de ponto e contra-ponto, um canto aos poentes de França e à França, e, um contra-canto onde desmistifica o canto, onde o desmente.

Ao opor os Poentes de França aos de Portugal, ele, o super-civilizado mas que ama o seu povinho e sua terrinha, opõe a paz que ainda há em sua pátria, a simplicidade de sua terra, ao contexto francês (e neste está assumido o contexto europeu e civilizado do século XIX), contexto que ele vê como agressivo, violento, inspirando-lhe as iragens exasperadas de um poente ensanguentado e intenso. Cria-o com iragens ousadíssimas, exacerbadas:

"-Ó Sol! ó Sol! Titã deste bloco da Terra!
Ó Sol em sangue que ainda pula e arde e cintila!
Ó bala de canhão, tu vens dalguma guerra:
Varaste os corações dum exército em fila!" (p.108)

A este poente exasperado, opõe-se os poentes de Portugal, no contra-canto:

"Ó hora em que as águas rebentam das minas...
Ó poentes de França! não vos amo não!"

Vejamos novamente a França, no canto:

"-Ó poente verde-rar! ó por do Sol de azeite!
Ó longes de trovoadas! Ó céu dos ventos suís!
Vaca do Ar, a rugir crepúsculos de leite
E roxos e cardeais e amarelos e azuis!

E o contra-canto:

"Ó hora em que passam toças e reninas
Que, em tardes de Maio, vão às Ursulinas,
Com rosas nos seios e um livro na mão!" (p.108)

Portugal é simples. Os costumes são provincianos, puros. Nobre antecipa, com este poema que escreve em Paris, em 1891 e publica em 1892, o romance de Eça, A Cidade e as Serras, que só será publicado em 1901.

Isto tudo estava, pois, em Nobre, que, sob este ângulo pode ser associado aos artistas que fugiram de Paris e da super-civilização, como Gauguin, para construir uma arte muito mais próxima da Natureza e das fontes da vida.

Este poeta solar e lunar, que tem obsessão pelo rubro, pelas iragens charnejantes e pelos poentes - poeta decadentista sob este aspecto - vai, portanto, procurar a saúde para sua alma doente, para sua alma contraditória, num ideal de Pureza. Aquele que se sabe super-civilizado, decadente e atingido pelo spleen, aquele Nobre que é róbido e se sente "o lua, o santo e o cobra", sabe também que ele necessita da vida, que ele está cansado de todo aquele artificialismo do fim de século parisiense, ele sabe que nele há pouca vitalidade. Daí, no poema "Febre Vermelha", o pedido de que as flores lhe dêem seu sangue:

"Dai-re do vosso sangue, ó flores! entornai-o
Nas veias do teu corpo estragado e ser cor" (p.104)

Ao reconhecer-se doente - como outros decadentes do fim do século - surge esta solução que tem algo de vampiresco, porque dirige-se a sugar o sangue daqueles que ainda estão puros e têm vida. (A ver este tema no romance Maria Adelaide de Teixeira-Gomes e num de seus contos).

Prosseguindo nesta linha de raciocínio, chegamos, finalmente, ao poema "Purinha", que irá concluir este trabalho. Poderíamos, talvez, sorrir de seu título, pensar que está démodé, que constitui uma das ingenuidades de seu autor, atribuindo-o a uma atitude de sentimentalismo piegas, talvez. E isto o que seria, de nossa parte? Penso que seria sinal de que não souberos entrar bem na Torre de Anto.

É significativo que, na edição da Livraria Tavares Martins que utilizo, entre as ps. 128 e 129, tenha-se intercalado uma reprodução das cópias tipográficas do poema, corrigida e anotada pelo poeta. É significativo porque nela Nobre anota que gostaria de pôr como sub-título do poema um dentre os seguintes:

Ideal de um Decadente
Ideal fim-de-século
Ideal d'um Parisiense
de um Poeta místico
ou Ideal christão

O decadente, o homem do fim-de-século, aquele que se sente eu e outro, santo e cobra, anjo e Diabo, aquele que é super-civilizado e também místico, tem um ideal de Mulher muito bem definido, que é o expresso nesse poema, e que só entenderemos bem, se pensarmos que ele a imagina como um contraste de si mesmo, como a salvação de que necessita.

É curioso que a casa aonde irão morar deverá ser, por fora, alegre, branca e rústica, mas no interior, sombria, por causa de sua melancolia interior.

Está portanto no poema a contradição que percorre a obra de Nobre e que o divide. Está patente também seu desejo de cura. Ele, decadente, precisa da "Purinha" para ser curado. Se, por dentro, ele está sombrio como a casa, será ela a luz.

"E eu o Astrólogo, o Bruxo, o Aflito, o Médio,
Rogarei aos Espíritos rerédio
E um bom Espírito virá tratar do Doente
E há-de fugir com susto a outra gente." (ps. 47-48)

É em Portugal, no reino de Portugal, que ainda se poderá encontrar o vilagre desta Purinha. É em Portugal que ainda se poderá encontrar a saúde para a alma e a salvação. A doença interior, que contamina o resto da Europa, Nobre, de Paris, vê que ainda não contaminou o seu povo, e, por isso, o ama tanto nas suas ingenuidades e se agarra a ele como à sua tábua de salvação.

Por isso, será entre o povo, entre os simples, entre as reninas do reino de Portugal que ele encontrará rerédio para a sua complicação, para sua torbidez, para sua doença. Se ele é o "Aflito", ela é a "Purinha" e será a "Saúde dos Enfermos". (p.48) Mediante esta denominação, vêro-la identificada à Virgem Nossa Senhora.

Como se pode ver na leitura do poema, ela há de curar, de dar liberdade às aves em prisão, de distribuir estolas, de coser as velas rotas dos pescadores (p.49), isto é, devolverá a integridade às coisas, consertará o que foi danificado e possibilitará o navegar novamente. Sua vida resumir-se-á nas obras de misericórdia:

"Vestir os Nus, aos Pobres dar guarida
Falar à alma que na angústia se consome,
Dar de comer a quem tem fome," (p.49)

Uma indagação poderos fazer: e como reagirá Anto? Indagação que recebe uma resposta imediata:

"E eu hei-de em minhas obras imitá-la" (p.49)

Atentemos para o fato de que Nobre escreve o poema em Paris, em 1891, como uma residência ao que via a seu redor. Simbolista sim, mas um simbolista sui-generis, um simbolista crítico, que construiu uma Torre, a Torre de Anto, muito original e muito singular, muito diferente da de Mallarmé, da de Rimbaud, da de Villiers de l'Isle-Adam. Enquanto estes, mergulhados na vida intelectual, afastaram-se do elemento popular, construindo uma arte exasperadamente elitizante, enquanto, de certa forma também, deram preço à vida artificial, à "vie factice" e não à natural, Nobre reagiu aos excessos do decadentismo, buscando construir seus símbolos a partir das fontes da Vida, da Natureza e rejeitando a doença que também via em si, a neurose dos super-civilizados, fazendo desfilar na sua obra toda uma galeria de elementos simples e ingênuos, de elementos do povo, ainda não contaminados pela super-civilização, ainda não separados da Natureza e dos valores da fé.

Ele é um simbolista verdadeiro, não um romântico tardio. É um simbolista que construiu uma obra muito pessoal e não uma imitação de modelos estrangeiros.

Ele diagnosticou o mal de seu século e apontou-lhe soluções: a volta à simplicidade e à Natureza. Ele foi o precursor, a diferentes títulos, dos grandes poetas que se lhe seguiram: Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa e os Saudosistas.